



VEREADORAS LUANA ALVES DO PSOL

PROJETO DE LEI Nº _____/2025

Altera a Lei nº 14.485, de 19 de janeiro de 2007, para incluir o Dia do Afroturismo, no calendário oficial da Cidade.

A CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO DECRETA:

Art. 1º Fica inserido ao inciso XIX do art. 7º da Lei nº 14.485, de 19 de julho de 2007, a seguinte redação:

“Art. 7º (...)

XIX - 07 de janeiro:
(...)

Dia do Afroturismo.”

Parágrafo único - Para efeitos desta Lei, fica entendido o Afroturismo como a valorização do patrimônio material e imaterial da população negra, visando a propagação da liberdade de expressão, da autoconfiança e do empoderamento do povo negro.

Art. 2º - As despesas decorrentes desta Lei correrão por conta de dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário.

Art. 3º – Esta lei entra em vigor na data da sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Às comissões competentes,

Sala das Sessões, 23 de abril de 2025.



Luana Alves
Vereadora do PSOL

JUSTIFICATIVA

O Afroturismo é o ato de conhecer lugares de cultura e história, valorizando o protagonismo negro e revertendo o apagamento histórico sistemático que as a cultura e história negra foram relegadas no Brasil por conta dos mais de 300 anos de escravização e do racismo estrutural consequente dessa política.

O Afroturismo, como vertente do turismo cultural, tem ganhado mais força desde 2018 quando passou a ser designado dessa forma. Até então a denominação era de turismo étnico, mas os movimentos de empresas e consumidores negros fez questão de lembrar que turismo étnico pode designar diferentes etnias presentes no Brasil, colocando a necessidade de se enfatizar a negritude nessas viagens, no contexto do país com mais pessoas negras fora do continente africano.

O afroturismo é, então, o movimento, de qualquer pessoa, conhecer mais da gastronomia, da moda, dos museus, da cultura, dos monumentos com foco na negritude. É um movimento crescente e há uma série de empresas que trabalham com esse foco, assim como grandes companhias têm percebido que trabalhar o antirracismo no mundo das viagens passa por investir nessa vertente do turismo. Um caminho sem volta tanto para as empresas que precisam promover novos destinos e experiências, quanto para quem pratica e consegue se ver representado no turismo ou simplesmente conhecer histórias que lhe foram ocultadas pelo racismo estrutural, como o Parque Nacional de Palmares (AL), um dos maiores



símbolos de resistência da época da escravização, que não faz parte da lista de desejos de viagens da população brasileira.

Esse talvez seja o maior entrave para o crescimento do setor: o apagamento histórico de tudo que é ligado a negritude e o quanto os negros foram escanteados da sociedade. Equipamentos como museus ligados à história negra ainda são deixados em segundo plano, assim como não há monumentos em tamanho razoável de figuras negras que despertem o desejo dos turistas de tirarem fotos com eles, como ocorre com Nelson Mandela, na África do Sul. A maior parte dos patrimônios culturais do Brasil, reconhecidos pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Nacional (Iphan) são heranças africanas, como a ciranda, capoeira, acarajé, frevo, mas não recebem o investimento e a divulgação devidos, ao mesmo tempo em que estão no desejo de quem viaja para os lugares de suas origens.

Hoje, não investir no público negro limita a possibilidade de ganhos das companhias, uma vez que as pessoas de cor preta e parda no Brasil movimentam R\$ 1,7 trilhão por ano. Nos Estados Unidos, há um movimento chamado Black Travel Movement, que trabalha para fazer com que negros e latinos sejam vistos como parte das pessoas que estão viajando a lazer e não apenas a serviço. Por lá, são 54 milhões de negros (o que equivale à metade da população autodeclarada negra no Brasil) e pelo menos 10 milhões realizam uma viagem internacional por ano. No mercado doméstico norte-americano, essa população movimenta US\$ 48 bilhões, segundo o Instituto Mandala, especializado em turismo.

No Brasil, o Sebrae fez estudo sobre o crescimento do setor de turismo negro em que ressalta que “a cultura afro é uma das bases das tradições brasileiras, presente na maioria dos atrativos e destinos turísticos do país, como igrejas construídas pelas pessoas escravizadas, museus, centros culturais”. As viagens também estão



entre as prioridades das pessoas negras no Brasil e a preferência dos afroviajantes é por capitais da região Nordeste e com forte história negra presente¹.

Uma pesquisa encomendada pela consultoria em diversidade AFAR Ventures para o Painel BAP, realizada em dezembro de 2021, aponta que 64% dos entrevistados pretendem realizar pelo menos 1 viagem de férias nos próximos 12 meses. Entre as cidades de desejo estão: Recife, São Luís, Maceió, Salvador e Rio, todas com forte cultura e história negra, mas ainda com grande trabalho pela frente para promover e dar a mesma importância do chamado turismo tradicional para o afroturismo.

Além de destino, afroturismo é comportamento, como lembra Tânia Neres, coordenadora de Agroturismo da Embratur, empresa de promoção do Brasil no exterior. Por meio de viagens em que se visita lugares para saber quem realmente os construiu e quem realiza novos movimentos culturais, há o aumento da autoestima e mudança de relação com as cidades.

Beatriz Moremi, da Brafrika Viagens, lembra que mensurar os impactos de uma viagem afrocentrada é complexo, uma vez que muitas pessoas entendem-se como negros nessas viagens, outras as utilizam como letramento racial, além da reconexão necessária dos povos da diáspora africana, que se tratam como irmãos separados por uma escravidão que não terminou na mentalidade de todos.

Nesse sentido, pessoas negras viajando juntas buscam um aquilombamento para se fortalecer e se sentir parte dos lugares. Qualquer turista pode privilegiar um restaurante de uma mulher negra, como a Dona Suzana, em Salvador, ao invés de

¹ Ver mais

<[https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/991affaf632b27f0127d013a34c1f5/\\$File/31461.pdf](https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/991affaf632b27f0127d013a34c1f5/$File/31461.pdf)> Acesso em 22/04/2026.

Ver mais

<<https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/cultura-negra-e-atrativo-a-ser-explorado-por-agencias-de-turismo.42b9b4f8640b4810VgnVCM100000d701210aRCRD>> Acesso em 22/04/2026.



grandes redes; ficar hospedado em um local de proprietário negro ou que valoriza esses profissionais.

Afroturismo também é visitar o Museu Afro Brasil, em São Paulo; fazer o passeio Linha Preta, em Curitiba; conhecer quilombos; visitar o Chateau Rouge, em Paris; viajar para o continente africano em busca da ancestralidade e conexões ou mesmo ir para lugares da diáspora negra, como Cuba, Colômbia ou mesmo o Harlem ou Brooklin em Nova York.

O Afroturismo é, portanto, conhecer as outras histórias, lugares e equipamentos que não costumam estar em destaque nos guias de turismo tradicional e proporcionam experiências únicas. É um resgate da África que vive em nós e das potências negras pulsantes que emergem e que sempre nos foram negadas.

Por essas justificativas, o Dia Nacional do Turismo, comemorado em 7 de maio, não contempla a visibilidade que a cultura e história negra precisam e reivindicam. Dessa forma, ter um Dia Nacional do Afroturismo combate o apagamento histórico da cultura negra; valoriza destinos de histórias negras, personalidades, culturas e profissionais que atuam na área; além de promover um novo espaço de debate, de antirracismo e de protagonismo negro.

Sala das Sessões, 23 de abril de 2026.

Luana Alves
Vereadora do PSOL